

DÊICTICOS E ANAFÓRICOS NA LÍNGUA PORTUGUESA

Gladstone Chaves de Melo
UFF

Não me consta que sobre esta matéria e relativamente ao português já se tenha publicado algum artigo ou breve ensaio. Por isso me parece útil expender aqui algumas pertinentes considerações, talvez suscitadoras de um estudo monográfico de maior fôlego e com ampla documentação. Nesta linha de sugestões e de suposto estímulo, aqui e ali fugirei do estrito campo gramatical para inserir notas estilísticas. Até porque a Estilística, como a entendo, não se opõe à Gramática: antes a ela serve, qual gentil irmã mais nova, apostadas ambas em estudar a sério e a fundo a língua, com descrevê-la bem e pôr de manifesto suas virtualidades.

Outro não é, aliás, o pensamento de um mestre da categoria de Marcel Cressot:

La plupart de nos étudiants se destinent à l'enseignement. J'aimerais que ce petit livre les aidât dans leur période d'apprentissage et dans leur vie pédagogique; qu'ils comprissent que la tâche d'un professeur de grammaire se ramène essentiellement à ceci: faire goûter, dans la vie, dans l'intelligence, dans la joie de la découverte quotidienne, les incomparables possibilités de notre langue maternelle; et, les ayant fait comprendre, faire aimer cette langue; et, lui ayant assuré l'amour, lui assurer le respect.

(Le style et ses techniques, huitième édition... Paris, PUF, 1974, p.7)

Começo dizendo que a **dêixis** é uma pauta, um ponto-de-referência, um critério de classificação e interpretação de elementos que entram na feitura dessa esfinge que é a linguagem articulada.

Todo ato lingüístico, toda comunicação se realiza num determinado contexto em que entram o a que chamo "coordenadas fundamentais", o espaço e o tempo. O falante, narrador, emissor abre o circuito lingüístico num lugar, num momento, numa situação. Em linguagem mais filosófica, num **hic et nunc**, o que vai pôr-se de acordo com o que muitos lingüistas de hoje denominam **atualização**, ou seja, trânsito do abstrato e virtual do "sistema" para o concreto e existencial da fala.

Ainda aqui não estamos longe da Filosofia Clássica. Esta fala em **potência** e **ato**, componentes (complementares) de todo ser criado. Na **potência** temos o "poder ser", a "capacidade", o como impulso para o ser; **no ato**, a efetivação, a existência, a realização. Então, a "língua", como sistema, é como uma potência, que, pela chamada da vontade (ou, eventualmente, do **élan vital** bergsonian), se traduz em **fala**, nesta **fala**, neste **discurso**, neste **texto** – vindos sempre à flux, à tona, ao existente em certa hora, em certo lugar, dirigida a certa pessoa, a certas pessoas, a infinitas pessoas ausentes, mas presentes **in intentione**.

Não se estranhe esta, por assim dizer, "planisferização". Dizem de Miguel Ângelo, que, forçado por seus invejosos inimigos a pintar a Capela Sistina, por fim se descobrira também pintor, e exclamara: "ad aeternitatem pingo". Mas não precisamos

ir ao Buonarotti e às lendas tecidas em torno dele: nosso Camões proclama que será eternamente conhecido, porque em qualquer tempo futuro ou lugar remoto seu "recado" será ouvido, sua mensagem será descodificada.

– No meu poema, ó Rei,

Vereis amor da pátria, não movido
De prêmio vil, mas alto e quase eterno,
Que não é prêmio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.
(Lus., I, 10)

A dêixis, pois, se situa na **atualização**, e por ela, **stricto sensu**, se entende a função mostrativa da fala. Daí porque certos lingüistas admitem uma **dêixis mímica**, que ocorrerá quando o emissor aponta com o dedo, ou com os olhos, ou com o volver do rosto a coisa a que se refere e que quer trazer para o contexto. Os outros recursos, da própria linguagem articulada, seriam (ou serão) **dêixis verbal**. Não faltam lingüistas, discípulos conscientes ou inconscientes de Marcel Jousse, para quem a mostração por meio de palavras seria "gesto verbal".

*

Hoje em dia vem sendo muito utilizado em Lingüística, geral e aplicada, o cômodo e fecundo esquema da dêixis. O conceito moderno (e discutível) de pronome, que me parece vir de Sweet, foi elaborado a partir da dêixis: o pronome seria uma palavra eminentemente dêictica, não só quando substitui o nome mas também quando o "apoia", por assim dizer, tirando-o do limbo das essências, situando-o neste ou naquele lugar ao sol (mas polarizado sempre nas pessoas gramaticais), referindo-o possessiva ou afetivamente aos abridores e mantenedores do circuito, ou ainda a terceiros.

Porém, de mais longe remonta o conceito de **dêixis**. Brugmann, em 1804, já tratava do assunto e já falava em quatro modalidades, especificadas segundo o modo de relacionar as coisas ou os conceitos do mundo exterior, relacioná-los e integrá-los no circuito lingüístico: **der-Deixis**, **ich-Deixis**, **du-Deixis** e **jener-Deixis**.

Particularmente feliz, a meu aviso, é a proposta, nova, de Bühler (que de psicólogo se fez lingüista respeitado e forçosamente citado). O mestre vienense fala em *Deixis am Phantasma*, ocorrente quando o falante (ou emissor) apela para a memória do ouvinte (ou destinatário, ou receptor) e transpõe-no a um passado conhecido e amado, mostrando-lhe o que de ver, fazendo-o ouvir sons e ruídos, sentir cheiros e fragrâncias, degustar manjares, frutos, ou doces lembranças. Ocorrente também quando o mesmo comandante, ou seja, emissor mergulha o receptor (ou destinatário, ou leitor, ou ouvinte) no reino da fantasia construtiva e aí lhe mostra isto ou aquilo, apontando (com o dedo ou com a palavra) mil componentes da paisagem irreal, mas possível e eventualmente realizável num futuro, previsto, digamos, na ciência divina dos "futuros contingentes" ou dos "futuríveis" (muita vez numa total subversão do tempo, porque "o poeta é um fingidor").

É o que acontece, por exemplo (e que exemplo!), na fala de Tétis a Vasco da Gama, a partir da estância 76 do canto décimo do *Os Lusíadas*.

A deusa toma o "valeroso capitão", transporta-o a um lugar eminente e aí passa a mostrar-lhe coisas, começando pela "máquina do mundo":

Vês **aqui** a grande máquina do mundo,
Etérea e elemental, que fabricada
Assi foi do saber alto e profundo,
Que é sem princípio e meta limitada.
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo e **sua** superfície tão limada
É Deus, mas o que é Deus ninguém o entende,
Que a **tanto** o engenho humano não se estende.
(X, 80)

E continua: "Este, que primeiro vai cercando / Os **outros** mais pequenos...

Aqui, só verdadeiros, gloriosos
Divos estão, porque eu, Saturno e Jano,
Júpiter, Juno fomos fabulosos,
Fingidos de mortal e cego engano:
Só pera fazer versos deleitosos
Servimos, e, se mais o trato humano
Nos pode dar, é só que o nome **nosso**
Nestas estrelas pôs o engenho **vosso**.
(X, 82)

"Olha **estoutro debaxo**...; olha, por **outras** partes, a pintura...; olha a Carreta, atenta a Cinosura...; olha o Cisne morrendo, que sospira, a Lebre e os Cães, a Nau e a doce Lira...

Debaxo **deste** grande firmamento,
Vês o céu de Saturno, deus antigo...

E vai por aí, agora mostrando cidades, campos ferazes, bosques olorosos, frutos apetitosos: "Vês Europa cristã, Vês África, Vê do Benomopata o grande império, Olha as casas dos negros; Olha **lá** as alagoas donde o Nilo nace, Olha as Arábias três, olha a terra que corre, até que cerra outro estreito de Pérsia; Olha o Monte Sinai, que se enobrece co sepulcro de Santa Caterina; Olha as portas do estreito que fenece na seca Adem... **Aqui** a cidade foi que se chamava Meliapor, formosa, grande e rica..." (cf. X, 89, 92-100, 109).

Percorrendo o texto, encontramos dezenas de palavras mostrativas, que permitirão, a par da fantástica viagem, a ministração, a discentes interessados, do conceito de **dêixis**.

Na "Confidência do Itabirano", Carlos Drummond de Andrade nos mostra, apontando-o, "este couro de anta, este S. Benedito", obra de um santeiro de lá, "Alfredo Duval".

José de Alencar começa *Iracema* mostrando-nos "aquela serra", muito além da qual nasceu "a virgem dos lábios de mel", remota, mas, logo em seguida, próxima, presente, atuante.

*

A **anáfora** é uma variante da **dêixis**. Eu diria, para começo de conversa, que, enquanto uma situa as coisas e os conceitos no espaço e no tempo do circuito lingüístico, a outra, a **anáfora** aponta para as palavras, no discurso ou no texto.

Também aqui tiveram os especialistas de ir ao abastecedouro comum – "Qui nous délivrera des grecs et romains?" – a língua grega.

A palavra, evidentemente ligada ao verbo **anaphorein**, "mostrar levantando e em atitude de ofertório", a palavra teve seu primeiro emprego, como termo técnico, na liturgia.

As liturgias orientais, ricas, pomposas e variadas, compunham-se de muitas orações, gestos rituais e leituras de textos sagrados. Porém todas tinham uma parte nuclear, particularmente sagrada, íntima, invariável, precisamente chamada **anáfora**. A liturgia romana, de base antioquena, também tem **anáfora**, ou seja, a parte central e essencial da missa, em que se realiza a transubstanciação (pelas palavras consecratórias) e a consumpção, isto é, a comunhão, de celebrante e fiéis. Tudo isto anunciado por um "prefácio", bastante vário, mas sempre convidante à adoração, em uníssono com os anjos e santos do céu. A liturgia tridentina chamou-lhe **cânion**, e a vaticana chamou-lhe **oração eucarística**, que são hoje quatro.

Também a Retórica se valeu do nome, e com ele batizou a repetição de palavras ou expressões no início da frase ou do período, com as variantes **analepse** e **epanáfora**.

*

Por outros caminhos, é bem de ver, andou a Lingüística: utilizou o consagrado termo para caracterizar palavras ou segmentos frasais anteriormente expressos, ou, agora com a variante **catáfora** (por alguns preferida), para antecipar, anunciar, apontar, privilegiar sintagmas que estão por vir na seqüência do discurso.

Os elementos verbais empregados na **dêixis** recebem, acianamente, o nome de **dêicticos**, e de **anafóricos** os apontadores do "antes" e do "depois" no correr do discurso.

Como se disse no começo, o conceito de **dêixis** veio a ser uma pauta e um critério para o árduo problema, lógico, da classificação das palavras.

Desde Aristóteles se sabe que há duas espécies de palavras densas de significado e significado próprio, o **nome** e o **verbo**. As mais palavras que entram, necessariamente, na trama do discurso têm função e valor ancilar – **sincategoremáticas** chamou-lhes o Estagirita.

Vendryes, que não conheceu o fundador do Liceu, propôs, no seu nunca envelhecido *Le Langage*, uma classificação de palavras muito semelhante à do mestre grego, dando às **sincategoremáticas** o nome de **outils grammicaux**.

Aqui é que vamos situar os **dêicticos** e os **anafóricos** da língua portuguesa.

Palavras mostrativas, das quais as primeiras que saltam aos olhos, as primeiras que respondem "presente" são... os demonstrativos. O português é bastante rico deles, já que os possui de primeira, de segunda e de terceira pessoa (que, a rigor, não existe, só tem tal nome por não ser a primeira nem a segunda):

este, esta, isto
esse, essa, isso
aquele, aquela, aquilo.

Em tempos passados, o idioma foi, no caso, mais opulento, uma vez que ainda dispunha das variantes **aqueste, aquesta, aquesse, aquessa, elo, esso**.

Os textos arcaicos não nos permitem decifrar se diferença havia, de denotação ou de conotação, entre **este** e **aqueste**, **esse** e **aquesse**. Parece que não. Seriam demasia, de si pouco duráveis, em **outils grammicaux**. Então, obedecendo à "lei da repartição", caíram em desuetude.

Este, esse e aquele situam as coisas, as impressões, os conceitos, pondo-os ora no espaço, ora no tempo. O ponto de partida, o ponto de referência, é sempre o **eu**: daí porque certos lingüistas falam em **dêicticos egocêntricos**.

Este refere-se a coisas que estão no falante, no emissor: **esta gravata, estes óculos, "estes olhos que a terra há de comer"; "... é de lá que trago este orgulho, esta cabeça baixa"**. Designa coisas que estão contíguas ou próximas do falante: **esta cadeira, esta mesa**. O lugar onde ele se acha: **esta sala, esta casa, esta rua, esta cidade, este país, este mundo**. Igualmente, o tempo em que ele vive e atua; portanto, o tempo presente: **"esta noite era a lua já morta, Anhangá me vedava sonhar"; "este mês" é dezembro, "este ano", 1991, "este século", o XX**.

Mas o homem é egocêntrico e tem, pela faculdade do conhecimento, a capacidade de reproduzir em si o mundo, criar um microcosmo. Por isso, pode fazer **seu** o que não é, pode fazer **presente** o passado, pode fazer contíguo o remoto ou o remotíssimo. Então, escamoteia, dá um passe de mágica, engolfa o que quer, interioriza o que entende, traz para ao pé de si montanhas imotas. É um recurso estilístico, chamado por Said Ali "aproximação mental".

É o que vemos, sob o olhar talvez severo de D. Gramática, no belíssimo conto de Alexandre Herculano, de *Lendas e Narrativas*, "A abóboda".

O arquiteto aposentado, por cego, Afonso Domingues, quando se põe a falar com o dominicano que o provoca, diz, referindo-se ao mosteiro (**realmente** distante dele e do seu interlocutor): **"Este edifício era meu, porque o gerei..., porque necessitava de me converter todo nestas pedras (...)** e de deixar, morrendo, o meu nome a sussurrar perpetuamente por essas colunas" (aqui o dêictico aponta para coisas que se vão alongando do emissor). (ed. de 1859, I, p. 227).

Vasco da Gama está, atendendo à curiosidade do rei de Melinde, descrevendo-lhe a incrível viagem (com seus antecedentes históricos e geográficos). Fala-lhe do ponto nevrálgico, a travessia do Cabo das Tormentas. Conta-lhe como, no meio das trevas do

dia feito noite, lhe aparece um terrível e minacíssimo gigante, que a todos arrepiou carnes e cabelos.

Com lembrá-lo, o Adamastor se desloca do extremo-sul da África e se aninha na pávida imaginação do Gama.

Então, diz este ao rei melindano:

Tão grande era de membros, que bem posso
Certificar-te que **este** era o segundo
De Rodes estranhíssimo Colosso,
Que um dos sete milagres foi do mundo.

(*Lus.*, V, 40)

Aqui no Brasil (e um pouco em Portugal) vai rareando o uso de **este**, substituído por **esse**, que, então, passaria a ser dêictico de 1ª e de 2ª pessoa. Em nossa terra poucos escapam deste achatamento, aí incluídos escritores de nome e láurea.

É de lamentar esse empobrecimento (como todo empobrecimento análogo), mas é de desejar, veementemente, que a escola dê vida ao moribundo, restitua o perdido e devolva à língua uma sua riqueza nativa. Na linha do desleixo, os brasileiros, de vário matiz e cariz, dizem **essa gravata**, **esse óculos (!!!)**, **essa cabeleira** (reportando-se a si mesmos), **esse mês** (corrente), **esse ano** (idem), **essa casa** (que os abriga), **essa rua** (por onde trafegam), e por aí.

Esse, escusado dizê-lo, refere-se ao que se acha no ouvinte, ao lugar em que ele está, às coisas que lhe estão mais próximas do que do falante.

Agora com o sorriso de D. Gramática, o Poeta faz o Gama invectivar o Gigante Adamastor com pedir-lhe a identidade:

Mas ia por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando, alçado,
Lhe disse eu: – Quem és tu, que **esse** estupendo
Corpo certo me tem maravilhado?

(*Lus.*, V, 49)

Esse designa, por via de consequência, lugar não muito afastado do falante, eventualmente próximo de um hipotético ouvinte; ou tempo, passado ou futuro, não distante, sobretudo se teoricamente referido a um interlocutor hipotético: "**nesse** tempo eu vivia na Alemanha" (no tempo de que te falo e que se terá desenhado na tua imaginação).

Nada de estranhar – pelo contrário! – que haja muitos contextos em que se possa empregar **esse** ou **teu**. Alguém me fala de seu burgo natal, elogia-o, conta-me casos lá passados. Para mostrar interesse, interrompê-lo-ei: "**Mas essa** cidade (ou 'a tua cidade') onde fica exatamente?"

Aquele é dêictico da 3ª pessoa, da que não entrou no circuito. Refere-se, pois, a coisas, lugares, situações não polarizadas no **eu**, nem no **tu**.

Tempo remoto: "**Naquele** tempo disse Jesus a seus discípulos"; região longínqua, em nada interessante a mim ou a ti: "**Naquela** terra, ou não chove nunca, ou se dão tremendas enchentes"; pessoa que agora entra no discurso, mas que não me

compromete, nem a ti: "Há de lembrar-se **daquele** famoso maníaco ateniense que supunha que todos os navios entrados no Pireu eram de sua propriedade".

Mas casos há – a língua é caprichosa como o homem que dela se serve – casos há em que designamos a mesma coisa ou pessoa, concomitantemente, com **este** e **aquele**. A explicação psicológica está em que o falante aproxima ou identifica uma antiga lembrança numa imagem concreta e presente, ou corporifica num ser real e palpável o que até então era uma abstração, uma notícia, um "fantasma".

Exemplo do primeiro caso temos quando alguém nos apresenta um homem feito, bem posto, com ares de importante e, complementando a apresentação: "É o filho do João Miranda, lá da Várzea Grande!". – Ah! **Este é aquele** que eu vi menino de dez anos, quebrador de vidraças dos vizinhos?".

Ilustra o segundo caso uma passagem dos "Doze de Inglaterra", em *Os Lusíadas*. Dentre as agravadas damas inglesas, uma ficou chorosa e solitária porque chegado não fora seu cavaleiro. Perdera-se ou – quem sabe! – mudara de idéia.

Mas eis que, de repente, surge o Magriço,

Abrça os companheiros como amigos
A quem não falta certo nos perigos.
(*Lus.*, VI, 62)

Então,

A dama, como viu que **este** era **aquele**
Que vinha defender seu nome e fama
Se alegra...
(*Lus.*, VI, 63)

Dêicticos são também os advérbios de lugar **aqui**, **aí**, **ali** (**lá**, **acolá**, num distanciamento progressivo). A invocação dos advérbios de lugar como dêicticos é propícia a uma observação assaz importante.

Realmente, a função dos dêicticos, o papel deles é situar as coisas no tempo e no espaço. Mas não, propriamente, no espaço físico, no espaço geográfico, senão no espaço, digamos, lingüístico. Fácil a prova: se alguém estiver telefonando de Belo Horizonte a outro alguém no Rio, dir-lhe-á: "**aqui** está muito frio, e **aí**?". Então: **aqui** é geograficamente Belo Horizonte, e **aí** geograficamente é Rio. Inverta-se a direção do telefonema: **aqui** passa a ser Rio, e **aí**, Belo Horizonte. Logo, objetivamente, **aqui**, **aí**, **ali**, **lá**, **acolá** não têm conteúdo conceptual.

Desnecessário explicitar que **meu**, **teu**, **seu** são dêicticos. Ainda quando – e talvez mais claramente – são empregados com valor possessório.

Os indefinidos **mesmo**, **outro**, **tal** **outro** também o são, ao menos em determinados contextos.

Não falta quem inclua na classe os pronomes pessoais, o que me parece inadmissível quanto aos nominativos. Seria uma petição-de-princípio. Seria – analogicamente – pecar mortalmente contra a primeira regra aristotélica da definição: "nunca incluir nela o termo a definir". Se o **eu** e o **tu** são pontos-de-referência, como poderão estar subordinados a si mesmos?

Porém, se for o caso do pronome dativo (tantas vezes mal analisado como "adjunto adnominal"), nenhuma dúvida. Em "não te invejo a sorte", *te* = *a ti*: portanto, está referido à segunda pessoa. Igualmente: "daqui não te vejo o rosto"; "não *lhe* ouço a voz".

Desnecessário, por óbvio, referir entre os dêicticos a palavra inclassificável *eis* ("advérbio de designação", para um Sousa da Silveira; "advérbio", para Santo Agostinho, quanto ao sinônimo *ecce*).

Se não é cristalização de forma verbal, vale como verbo (inconjuguável), porque tem objeto direto, até pronominal-acusativo. Aliás, este enigmático *eis* permite-nos um gordo pleonasmo: "*eis-me aqui*".

Hoje, ontem, amanhã são dêicticos, exatamente como *aqui, aí, ali*: dia do eu, dia antes do eu, dia depois do eu. Não importa data ou era. Pode o eu ter vivido antes de Cristo, ter sido Moisés, Salomão ou Davi.

Sem toda esta doutrina (que não conhecia) na cabeça, pôde o Apóstolo São Paulo dizer de Jesus que *Christus heri, hodie et semper*, porque, sendo Deus, está fora do tempo e é senhor do tempo.

Já vai longo este artigo, e os *anafóricos* ainda não tiveram vez. Examinemo-los então, concretamente, na língua portuguesa.

O de mais comum *bom* uso é o demonstrativo *este*, que se reporta ao que foi anteriormente dito ou escrito. *Este* ou *isto*, claro está.

No canto I de *Os Lusíadas*, Camões faz vir ao navio do Gama os habitantes da ilha de Moçambique:

E, porque tudo em fim vos notifique,
Chama-se a pequena ilha – Moçambique
(I, 54)

Lá subidos e recebidos – bem recebidos – dão recado de amigos. Oferecem pouso, "refresco" e piloto:

Piloto aqui tereis, por quem sejas
Guiados pelas ondas sabiamente,
Também será bem feito que tenhais
Da terra algum refresco, e que o Regente
Que esta terra governa que vos veja
E do mais necessário vos proveja.

Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus batéis com toda a companhia:
Do Capitão e gente se apartou
Com mostras de devida cortesia.
(*Lus.*, I, 55-56)

No início do canto V, logo após o discurso do Velho do Restelo (e a ele referido), aparece o *este* anafórico, aliás reforçado pelo indefinido *tais*, também anafórico:

Estas sentenças **tais** o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As asas ao sereno e sossegado
Vento, e do porto amado nos partimos.

Não me faltaria aqui um erudito que aproximasse o texto do virgiliano **Talia uoce refert**, onde **talia** é anafórico, melhor, catafórico.

Aquele também pode ser anafórico, como no conhecido passo de *Eurico*, de Alexandre Herculano, que nos oferece dupla exemplificação:

O sono ou a vigília, que me importa **esta** ou **aquele**? (cap. VII. § 1)

Mesmo é anafórico, referido a palavra dita anteriormente. **Assim** pode ser anafórico: "Faça **assim**, como te vou mostrar!".

Todas as formas vicárias são, por definição, anafóricas: "Disse-o, mas não o repetiu". O verbo **fazer** freqüentemente é empregado como vicário; logo, anafórico. Igualmente **ser**, em construções até correntes, que substituo por exemplo de clássico.

É no começo do episódio de Inês de Castro, onde Camões apostrofa o Amor:

Se dizem, fero Amor, que a sede tua
Nem com lágrimas tristes se mitiga,
É porque queres, áspero e tirano,
Tuas aras banhar em sangue humano.

(*Lus.*, III, 119)

"É porque queres" vale o mesmo que "**dizes** porque queres tuas aras banhar em sangue humano".

Palavras como **dito**, **referido**, **mencionado**, **citado** funcionam eventualmente (e obviamente) como anafóricos.

Observe-se ainda que se deu com **este**, anafórico e catafórico, o mesmo que se deu com **este** dêictico: vai sendo substituído – e mal – por **esse**, o que não tem tradição na boa língua, na "nossa português casta linguagem".

E aqui deito o ponto final, porque já disse o essencial.
